

NINGUÉM SABE TUDO, NINGUÉM SABE NADA

ELZA FALKEMBACH POR ELA MESMA:

Da educação política na família à educação dos Movimentos Sociais de Base e à sistematização dessas experiências

Dulce Angela Salviano da Silva, Café com Paulo Freire RPE

Maria Teresinha Kaefer, Café com Paulo Freire UFSC

Rosalva Soares Mazuim (Bia), Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul e Novo Cabrais¹

RESUMO: Esta é uma entrevista-diálogo com Elza Falkembach (77 anos). Uma mineira nascida na cidade de Três Corações, mãe, mulher, avó, pesquisadora e militante, curadora do Café com Paulo Freire de Garopaba, que nesta entrevista-diálogo compartilhou sua história de vida, com destaque para as duras experiências da ditadura militar (1964/1985) e suas vivências no campo da Educação Popular.

PALAVRAS-CHAVE: Elza Falkembach. Movimento Social de Base. Sistematização em Educação Popular.

Nesta edição, o Conselho Político e Pedagógico da Revista, que é formado pela representação de todos os Núcleos de Café Local (hoje, somam

¹**Dulce Angela Salviano da Silva**, Café com Paulo Freire da RPE, mestre em Avaliação de política social pela UFF, pedagoga e psicopedagoga pela UNESA e professora pelo IERJ. Possui mais de 30 anos de experiência em gestão pública e privada em projetos de educação nacionais e internacionais. Curadoria do Café Rede Pró-Educar- RS e integrante da Curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire. E-mail: dulceangela16@outlook.com.

Maria Teresinha Verle Kaefer, Café com Paulo Freire UFSC, mestre e Especialista em Educação. Professora Aposentada da Rede Pública. Integrante da Curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire. Educadora Popular. E-mail: mtksbg@gmail.com

Rosalva Soares Mazuim (Bia), Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul e Novo Cabrais, pedagoga e orientadora educacional pela UNIVALE, psicopedagoga pela UCB. Professora aposentada da Rede Pública Estadual do RS. Curadora do Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul/Novo Cabrais e integrante da Curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire. E-mail: biasoaresmazuim@gmail.com

35), escolheu para a entrevista-diálogo Elza Falkembach, pela relevância e a singularidade da sua biografia como mulher, mãe de Maria e Tiago, esposa do Jorge, avó de Joana, Joaquim, Gonçalo e Marco Antônio, sogra de Leandro Maia, e também como militante dos Movimentos Sociais de Base no Brasil. Uma boniteza sem fim compartilhada na Revista 3 Café com Paulo Freire.

No dia 12 de abril de 2022, nos reunimos virtualmente com Elza Falkembach (77 anos), uma mineira nascida na cidade de Três Corações. Realizamos uma entrevista-diálogo com duas horas de duração, um convite que carinhosamente ela atendeu com sua luz e carisma. Ou seja: Elza Falkembach por ela mesma.

A elaboração deste registro tomou um rumo diferente daquele que adotamos nas Revistas 1 e 2, pois deliberamos pela transcrição quase literal do diálogo com Elza, e não pela produção de um texto que contaria o encontro com “Elza Maria Fonseca Falkembach”, como se apresentou.

Mais conhecida como Elza Falkembach, Elza atuou junto aos Movimentos Sociais de Base desde Minas Gerais, passando entre os anos do seu nascimento até os dias atuais, pelas Universidade Federal de Viçosa (UFV); pelo Rio de Janeiro, em Seropédica, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Rio Grande do Sul, na Universidade Federal (UFRGS), passando por Porto Alegre e chegando a Ijuí, na Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

Elza compartilhou histórias e memórias do período duro de 1964 até os dias atuais ao falar de sua militância. Enfim, esta entrevista-diálogo nos proporcionou (e proporciona) uma viagem nas suas histórias e memórias.

Quem é Elza?



Elza, em tom amoroso, disse-nos: “Elza é também Maria Fonseca Falkembach. Para as pessoas que me conhecem há muito tempo, e meus familiares, eu sou *Zaia* – o final de Elza e o final de Maria. É o meu apelido de criança que perpassou Universidade, início de trabalho, etc. Depois que eu comecei a escrever alguma coisa é que meu nome virou Elza Falkembach”.

Eu tive uma infância muito feliz porque eu nasci e já me esperavam três irmãs e um irmão. A minha casa em Minas Gerais (a gente alternava: fazenda e cidade), era uma casa sempre cheia: cheia de gente, de visitas, visitas até temporárias, não só passageiras. Meu pai e minha mãe eram muito relacionados com a comunidade rural do nosso município e com a cidade também.

Papai era uma pessoa que tinha uma ética de atuação que chamava atenção, ele chegou a ter postos políticos no município. Mamãe também fazia um trabalho político interessante, mesmo dentro de casa (pois nunca trabalhou fora de casa) ela tinha um espectro de relações muito grandes que nos ensinou muito. Essa história assim, de que na vida a gente vai se construindo com os outros, e a vida se apresenta de um jeito, mas a gente pode mudá-la.

Desde que eu comecei a estudar no ginásio, eu passei a ter um trabalho de base também. Nós tínhamos aqueles grupos de JEC², atuávamos nos Grêmios Estudantis e fazíamos também um trabalho de base nos bairros, na periferia das nossas cidades.

Foi interessante o início desse trabalho. Conversando com um grupo de mulheres que não tinham emprego, mulheres pobres realmente, nós construímos com elas uma fábrica de vassouras. Então era um grupo muito interessante, muito atuante no colégio, fora do colégio e muito festeiro. A gente fazia piquenique e reunião dançante. A gente era alegre, curtia a vida!

Isso marcou muito a minha vida: a relação familiar que era gostosa, que era cheia de gente, as casas dos meus avós também eram cheias de amigos e parentes, os cafezinhos sempre na mesa, as rodas de conversa e a minha

² JEC- Juventude Estudantil Católica.

militância no colégio. Depois, no Ensino Médio, continuamos aprofundando essa militância até ir para a Universidade.

Em minha ida para a Universidade tive uma conversa muito forte com meus pais, porque eu queria fazer Sociologia e na minha cidade não tinha Universidade, visto que morávamos em Três Corações, Minas Gerais. Minhas alternativas seriam o Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. para morar com parentes - porque eu tinha 18 anos, mas eu era uma garota, muito menina realmente - e eu falei: não vou morar com parentes. Meu irmão já fazia Agronomia na UFV. Ele falou: – Vem fazer Ciências Domésticas aqui, a Universidade é muito gostosa, você vai ter um amplo espectro de atuação com esse curso, vai trabalhar com gente, como você quer. E eu fui fazer Ciências Domésticas, em Viçosa. Já pensando em trabalhar com mulheres de agricultores (porque antes não eram mulheres agricultoras, **eram mulheres DE agricultores**, aquelas mulheres que, diziam, ajudavam o marido e **não mulheres que trabalhavam com o marido**).

Esse período foi muito forte, foi em 1963. Logo em seguida veio 1964, o golpe, e a gente dentro da Universidade. Era a UFRRJ, a gente morava no campus, era fácil para a repressão atuar naquele espaço. Na época, eu era secretária do meu Centro Acadêmico e, logo em seguida, fui para a presidência do Centro Acadêmico. Meu irmão também era atuante no Movimento Estudantil.

Existia um Movimento de JUC³ muito forte por lá, a AP⁴, PCdoB⁵ e grupos outros de Luta Armada, dessas coisas que foram sendo criadas no âmbito da esquerda.

O nosso trabalho no Centro Acadêmico visava pensar a aliança estudantil, operária e camponesa, e nós trabalhávamos mais com as pontas: o ensino na Universidade era eminentemente bancário. As Universidades Rurais foram precursoras do acordo MEC-USAID⁶, com influência muito grande dos Estados Unidos na pesquisa e na extensão. Vocês vão entender como era essa extensão rural, era extensão de fato, justamente aquilo que foi criticado pelo Paulo Freire:

³ JUC - Juventude Universitária Católica.

⁴ AP - Ação Popular

⁵ PCdoB- Partido Comunista do Brasil

⁶ MEC-USAID- Acordo que incluiu uma série de convênios realizados a partir de 1964, durante o regime militar brasileiro, entre o Ministério da Educação (**MEC**) e a *United States Agency for International Development* (**USAID**).

era uma extensão persuasiva, que fazia cursos para agricultores no sentido da adoção de técnicas modernas, modificação da estrutura da propriedade, das mulheres jogarem a mesa de madeira fora e comprarem uma de fórmica e assim por diante. Esse era o ambiente da Universidade.

O golpe de 1964 nos pegou de *sofa*. Tivemos gente presa. E todos nós que tínhamos uma atuação política maior fomos responder os Inquéritos Político-Militares, os IPM's. Quando ia um, a gente já sabia (pela lista que ficava sobre a mesa dos inquiridores) que logo iria outra pessoa e que todos e todas iriam.

Então, essa foi a minha formação (formal e informal): com estudo (sempre estudei bastante e aproveitei as oportunidades que tive), mas sempre com militância. Fui aprendendo a ser educadora de base ao longo da vida.

Durante o período de faculdade e ditadura, meus pais morriam de medo, exigiam que telefonássemos todos os domingos. Não tinha celular na época. Para um telefonema acontecer tinha uma espera de três, quatro horas, na Telefônica. Tínhamos que sair da Universidade e ir à cidade fazer a ligação. Eu lembro do meu pai presentear as telefonistas da nossa cidade com uma caixa de *champanhe* todos os Natais, pela gentileza delas em servi-lo.

Qual a inserção de Freire na vida da Elza Falkembach? Como você entrou em contato com Freire, com suas obras, com seu pensamento? Como você se enxergou nisso? Como você abraçou a ideia freiriana?

Eu só fui conhecer Freire no meu primeiro trabalho, porque em Viçosa, e mesmo no Ensino Médio, a gente tinha como orientação em nossos estudos para a militância, os franceses que foram também precursores de Freire e alguns recortes bíblicos, interpretações bíblicas, textos elaborados para a Juventude Estudantil Católica. Na UFV, o meu Curso nunca nos apresentou Freire. Em minha militância, que era mais na Ação Popular do que propriamente na JUC (a JEC e a JUC, constituíam grupos da Ação Católica de leigos que desenvolviam um trabalho militante e, ao mesmo tempo, um trabalho religioso). Também não tive acesso a Freire.

Existiam então, constituindo a Ação Católica, a JAC, JEC, JIC, JOC e JUC, e eu participei da JEC (Juventude Estudantil Católica). Quando cheguei à Universidade, entrei em contato com a JUC (Juventude Universitária Católica),

mas eu não cheguei a ser parte, tinha um contato muito grande com o grupo, mas eu passei a militar mesmo na Ação Popular que já tinha uma cara de partido político. Eu era um pouco mais radical, mas com um vínculo muito grande com a JUC. Mais tarde, em Porto Alegre, me integrei ao PCdoB. A minha primeira militância depois da JEC foi, então, pela Ação Popular.

Elza como você teve acesso à Educação Popular? Como se deu sua inserção nesse movimento?

Eu também não tive acesso logo. Quando eu saí da Universidade de Viçosa fui em seguida trabalhar em outra universidade, por contrato emergencial, a UFRRJ. Foi meu primeiro trabalho. A Universidade nos contratou para fazer uma reformulação no Curso de Ciências Domésticas que mantinha. Fui com mais três colegas e uma professora mais idosa do que a gente, que era ligada à Extensão Rural,. Foi aquele grupo de jovens e mais esta professora que se juntou com uma americana, que trabalhava no curso, realizaram a tal reformulação do Currículo da estrutura do curso. Isso se deu no ano de 1967.

Eu terminei o meu curso na UFV em 1966, e em março de 1967 fui trabalhar no Rio. Eu morava na Universidade onde havia aquelas casas lindas, para moradia de professores. Então nós fomos morar numa dessas casas. O período era muito sério, a repressão era muito forte. A frente da nossa casa era sempre policiada, porque aquela região do estado era estratégica por ter o fornecimento de energia para uma área grande do Rio de Janeiro. Eles diziam que os comunistas iriam atacar aquela região. E como desconfiavam que a gente era de esquerda, tínhamos a nossa vigilância dia e noite. Era impressionante, sempre um militar na frente da nossa casa com fuzil, essas coisas todas, de forma discreta, mas ao mesmo tempo indiscreta.

No Rio, a gente pegou uma fase brava da repressão e mesmo que tivéssemos um cuidado muito grande, estavam começando a acontecer grandes mobilizações e, obviamente, nós participávamos. Descíamos da Rural, no município de Seropédica, para o Rio, para participar de tudo aquilo.

Começamos a organizar um grupo de professores de esquerda, para tomar alguns postos de poder dentro da UFRRJ e chegamos a ter um vice-reitor que era vinculado à Pesquisa e à Extensão do nosso lado. Era uma figura

maravilhosa, nós fazíamos um trabalho com ele no sentido de pautar algumas coisas da política de Extensão da Universidade, e nessa época eu tive oportunidade de conhecer uma figura maravilhosa que foi o João Bosco Pinto⁷, educador popular, que trabalhava com planejamento participativo. Ele tinha um programa lá na Rural com agricultores. Um programa de desenvolvimento de comunidade, na perspectiva do planejamento participativo e que se aproximava muito do que se tornou a Educação Popular. Eu me lembro do João Bosco Pinto nos dizer: – Participar é tomar parte. Então, quem busca participar é quem não tem parte. A gente precisa ter uma atenção muito grande nesse trabalho que desenvolvemos no sentido de favorecer a possibilidade do fazer parte.

O meu trabalho e de duas dessas companheiras que foram comigo para a Rural, lá no Rio de Janeiro, durou um ano e alguns meses, porque a repressão aumentou e chegou um momento em que esse grupo passou a sofrer ameaças sutis do Reitor da Universidade, que eram dirigidas ao Vice-Reitor de Pesquisa e Extensão, para que “segurássemos as pontas”, senão, nós seríamos todos presos. Aconteceu então uma discussão a respeito da estratégia a ser tomada, e algumas e alguns de nós decidimos sair da Universidade. A minha saída foi para Porto Alegre, para fazer um Curso de Sociologia Rural em nível de Mestrado, na UFRGS, e quem fez a intermediação para mim foi justamente o João Bosco que era sociólogo e conhecia algumas pessoas de lá. Fui fazer o concurso, passei e já fiquei no Rio Grande do Sul.

Bem, então durou pouco o meu período no Rio de Janeiro. Além desse trabalho que a gente desenvolvia na Universidade, eu tinha um trabalho pela Ação Popular, que era um trabalho clandestino, na periferia do Rio, na Região da Leopoldina. Eu trabalhava no bairro de Olaria e ali a gente fazia um trabalho de base. Existiam núcleos da AP que organizavam moradores das periferias, trabalhadores de fábricas (foi a primeira vez que trabalhei não com agricultor, mas com trabalhador de indústria). Eu trabalhava em um Núcleo de Formação Política que funcionava em uma garagem de uma *figura de lá*, que a gente chamava de *aparelho*. Era um dos aparelhos usados para a Formação.

Essas duas coisas, o trabalho dentro da Universidade e o trabalho fora da Universidade, o ensino e a formação e participação em mobilizações,

⁷João Bosco Guedes Pinto foi sociólogo atuante nos movimentos de defesa dos trabalhadores urbanos e rurais e da reforma agrária.

começaram a mostrar que estávamos em perigo. Resolvemos dissolver aquele grupo de professores jovens: um foi fazer mestrado, outro foi fazer doutorado e assim por diante. Outras pessoas mudaram de emprego também. Isso já era idos de 1967, início de 1968. Quando se intensificaram as grandes mobilizações, aquelas passeatas enormes, eu já estava em Porto Alegre.

Cheguei a Porto Alegre e logo percebi que o curso de Sociologia Rural, que fui fazer na UFRGS, tinha a mesma orientação da minha graduação na UFV, com uma influência norte-americana muito grande, dos acordos entre Universidades brasileiras e Universidades norte-americanas, muitos professores americanos, vinculados à Universidade de *Wisconsin*.

Era um curso que a gente tinha que se cuidar. Cuidar o que falava, cuidar o que escrevia e assim por diante. Um curso muito exigente na área técnica. Aprendi muita Matemática, Estatística, Administração Rural, o que posteriormente me serviu bastante.

No Rio de Janeiro, eu trabalhava na área da habitação, Sociologia da Habitação, naquela visão: habitação é mais do que um teto, ela é um teto, mas é mais do que um teto. É escola, é lazer, é saúde, é transporte. A minha dissertação no Curso de Sociologia Rural foi justamente sobre **“As funções sociais da habitação do operário de origem rural”**. Minha pesquisa empírica eu fiz na periferia de Porto Alegre e trabalhei basicamente com Fals Borda⁸. Cheguei ao Fals Borda antes de chegar a Freire, ambos por intermédio do João Bosco no trabalho de desenvolvimento de comunidades, na UFRRJ.

Fiz o meu mestrado, defendi minha dissertação, conheci o meu marido, me casei e aí eu ainda tinha bolsa de pesquisa por mais um tempo e um dos meus professores me convidou para trabalhar com a pesquisa dele no Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE), da UFRGS. Então, ainda fiquei um período em Porto Alegre trabalhando como pesquisadora, até que o Jorge, meu marido, foi convidado pelo Frei Matias⁹, que foi um grande educador (você devem conhecer algumas obras dele), para trabalhar em Ijuí. Na época, Mario

⁸Orlando Fals Borda, acadêmico colombiano, professor emérito da Universidade Nacional da Colômbia, estudioso do campo e da situação dos trabalhadores rurais, ficou internacionalmente conhecido como um dos principais teóricos do método de pesquisa ação participativa.

⁹Que se tornou Mário Osório Marques, foi um sacerdote franciscano, pedagogo e professor brasileiro. Era formado em Filosofia, pós-graduado em Teologia, doutor em educação, educador, sociólogo.

Osório ainda era Frei Matias, capuchinho, e conhecia o Jorge por causa da JUC. Ele era um dos assessores da JUC e o Jorge era um militante da JUC. O Jorge nunca militou em partido como eu, ele militava na JUC e tinha um trabalho muito grande também com Antônio Cecchin¹⁰ (que vocês devem conhecer também), amigo do Leonardo Boff e do Frei Betto. Era esse pessoal que se reunia na casa do Cecchin, em um núcleo de JUC muito atuante.

O Frei Matias precisava de professores de Física e Matemática em Ijuí, e fez a cabeça do Jorge para trabalhar lá. Jorge era engenheiro da Prefeitura de Porto Alegre, onde fazia um trabalho rotineiro. Foi, então, ser professor e trabalhar como engenheiro na Cooperativa Regional de Trigo Serrana - COTRIJUI, de Ijuí.

Quando cheguei em Ijuí eu não tinha trabalho, mas conversando com o Frei Matias contei que tinha acabado de fazer meu mestrado. Ele falou: – Então, imediatamente você vai ser contratada para trabalhar conosco. No mesmo dia me contrataram para trabalhar no Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPP), que era mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Rio Grande do Sul (FIDENE), Mantenedora dos Cursos Superiores, do Museu Antropológico, desse Instituto de Pesquisa e Planejamento e de outro, o Instituto de Educação Permanente - IEP. O IEP era responsável pela educação comunitária orientada pelos freis capuchinhos, desde a década de 1950, acompanhava o Movimento Brasileiro de Educação de Base, de Alfabetização de Adultos, e envolvia tanto professores como estudantes.

Como Elza se conecta com a Educação Popular?

Fomos para Ijuí em 1971. Neste mesmo ano, comecei a trabalhar com pesquisa e extensão, neste Instituto, IPP. Fazíamos planos diretores, Projetos Pedagógicos para escolas, estudos de viabilidade, mais prestação de serviços do que pesquisa em si. Em seguida, comecei a trabalhar com ensino também, Metodologia da Pesquisa e Estatística. Depois fui trabalhar em um programa de Contabilidade Agrícola, com agricultores familiares, mas ainda não com Educação Popular. A gente usava a Contabilidade Agrícola para fazer análise de

¹⁰ Irmão Marista, conhecido como um profeta da Ecologia, ele ajudou a fundar inúmeros grupos ligados à ação pastoral e ecológica. Era formado em Letras Clássicas e em Ciências Jurídicas e Sociais.

conjuntura. As contas dos agricultores que eles guardavam em caixas de sapato, eram os registros. Eram agricultores familiares, ligados à COTRIJUI e aos Sindicatos Rurais da região. Fazíamos a análise de conjuntura, mostrando onde é que estavam indo os recursos deles, porque eles estavam ficando mais pobres, mesmo aumentando a produtividade de seus cultivos. Por que estavam tendo lucro menor?

Esse foi um trabalho muito interessante. A minha parte era fazer a análise estatística dos dados e mostrar: *Óh*, o senhor está acima da média ou abaixo da média em produtividade. E o resultado financeiro? O que está havendo na sua propriedade, que o senhor consegue mais produtividade do que este que está lá embaixo, no gráfico? A gente fazia esse tipo de discussão, que era uma forma de Educação de Base.

Na minha vida, tinha pouco de Paulo Freire, mas a FIDENE respirava Paulo Freire, porque os freis capuchinhos liam Freire. Paulo Freire estava presente desde os anos 1950 na Educação de Adultos, Alfabetização de Adultos, havia um grupo lá que estudava Paulo Freire.

Depois do trabalho da Contabilidade Agrícola eu migrei para outro Programa que era **“Movimento para o Desenvolvimento Regional”**, isso já era década de 1980. Ditadura terminando, abertura democrática. Os municípios que tiveram eleições e que houve uma tendência mais para a esquerda chegaram a nós na FIDENE/UNIJUI (em 1985 a FIDENE transformou-se em UNIJUI), para pedir que os assessorássemos, para entenderem onde estavam indo os recursos da região, tanto recursos humanos, quanto recursos materiais. Estava havendo uma saída de recursos daquela região. Com a modernização da agricultura, que usava muito insumo moderno, muito crédito bancário, estava havendo uma grande fuga de recursos.

Os municípios estavam ficando bonitos, agricultura verdinha e, de certa forma disciplinada, mas ao mesmo tempo, os recursos indo embora. Então, fizemos um trabalho muito interessante com cerca de quinze municípios, desde um diagnóstico geral e depois diagnósticos setoriais. Trabalhamos com as áreas de saúde, educação, agricultura, micro barragens, coisas do tipo, o que começou a fazer valer uma Educação Popular, que ainda não era chamada de Educação Popular, mas baseada em seus princípios e métodos.

Até que esse Movimento para o Desenvolvimento Regional nos deu a oportunidade de criar uns Seminários Internacionais de Planejamento Participativo. E aí as cabeças da Neyta Belato, do Dinarte Belato¹¹ e de outros/as companheiros da Universidade – UNIJUÍ, passaram a atuar à milhão na organização desse trabalho. A Neyta era quem coordenava esse Movimento, eu ficava junto da Neyta trabalhando mais com a pesquisa e com a formação.

Esses Seminários Internacionais de Planejamento Participativo foram a nossa ponte para a Educação Popular. Começamos a trazer para Ijuí, gente do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL). Uma das primeiras pessoas foi o Orlando Fals Borda. O João Colares, fazendo a sua tese de doutorado, encontrou cartas a punho da Neyta e minhas para o Fals Borda, e as respostas dele para nós. Por essa via, nós fizemos um laço latino-americano muito grande, chegamos ao CEAAL, chegamos à Educação Popular e criamos o Seminário Permanente de Educação Popular – SPEP que foi nosso grande Programa na Universidade. Esse Seminário foi criado em um dos Seminários Internacionais de Planejamento Participativo. Nós nos filiamos ao CEAAL em 1980.

A constituição do SPEP aconteceu porque os primeiros integrantes desses Seminários Internacionais que eram também ligados ao Movimento para o Desenvolvimento Regional – Professores de Rede Pública, Movimentos Populares, Instituições de Assessoria, Setores de Igrejas – começaram a nos demandar uma formação mais continuada. No momento em que criamos os Seminários Internacionais houve um contato da nossa parte com todos os Movimentos Sociais organizados naquela região de Ijuí, e alguma coisa em Porto Alegre. Assim, começamos a articular contatos na Argentina, na região das Misiones, no Uruguai e no Paraguai, por causa dos indígenas no Paraguai, dos agricultores na região das Misiones e do movimento urbano no Uruguai.

O pessoal que era do Movimento Social e que começou a participar desses Seminários Internacionais nos disse o seguinte: As nossas práticas são permanentes, portanto, nós precisamos de um Seminário permanente, e aí foi constituído o SPEP¹². O SPEP era uma coisa muito estranha dentro da Universidade, porque ele era um Seminário de Educação Popular e Permanente,

¹¹Professores da Universidade- UNIJUÍ

¹² Seminário Permanente de Educação Popular.

que tinha uma gestão compartilhada com os Movimentos Sociais e com as suas Instituições de assessoria.

Então, o MST tinha dois representantes, um de liderança e outro de base; o Movimento de Atingidos por Barragens tinha dois representantes, um de liderança e outro de base; o Movimento de Mulheres, idem, e assim por diante. Tinha um assessor do MST, uma Assessora do Movimento de Barragens, uma Assessora do Movimento de Mulheres, do Movimento Urbano a mesma coisa, do Movimento Indígena também. Isso configurava um Conselho Político que planejava, tomava decisões e avaliava. Fazíamos umas quatro reuniões desse Conselho Político por ano, o que dava conta de fazer todo o planejamento, organização e avaliação das nossas ações. E a Universidade era representada, neste Conselho Político, na mesma proporção dos Movimentos.

Realizávamos Seminários Setoriais também. Aí foi que nós entramos pra valer no trabalho com Freire, no trabalho com Tema Gerador. Eram os Núcleos Temáticos, como denominávamos, porque esse Tema Gerador era sempre uma composição de temas confluentes para poder contribuir com todos os Movimentos.

O tema da Terra foi o primeiro a ser tratado por esse SPEP, mas com desmembramentos ao redor dele para que professor pudesse trabalhar, para que o agricultor pudesse trabalhar, as mulheres e os urbanos também. No Seminário Internacional, que era geral, nós definíamos o Tema. Nos Seminários Setoriais (que aconteciam entre um Seminário Internacional e outro), esse Tema era adequado à singularidade de cada movimento e trabalhado em cursos, oficinas, atividades de pesquisa, de assessoria.

Fazíamos os *Seminários Setoriais* por movimento: um do Movimento Indígena, outro dos Sem Terra, e assim por diante. E não fazíamos na UNIJUI, mas nos espaços de formação dos Movimentos. Teve um ano que a gente fez o Setorial dos Indígenas no Paraguai, o dos Urbanos no Uruguai, mas a maior parte deles era realmente no Brasil.

Nos *Seminários Setoriais* tivemos um acontecimento muito interessante que foi com as mulheres, foi a primeira vez que vários Movimentos de Mulheres se reuniram em um mesmo Seminário, e nossa assessora, para esse trabalho

foi a Moema Viezzer¹³ que sempre trabalhou com Movimentos de Mulheres, e continua trabalhando com feminismo e meio ambiente, continua escrevendo, uma “*figura*” a Moema.

Nós tivemos no SPEP uma configuração muito interessante que relativizou os “poderes” na Universidade, pois os Movimentos tinham poder para definir um planejamento e fazer avaliação. Era um trabalho que produzia reflexos nos Cursos da Universidade.

Foi no SPEP que estudei de fato a obra de Freire. E foi, também, quando eu tive contato com Oscar Jara e com outras pessoas do CEAAL. O Oscar foi trabalhar conosco sobre Educação Popular e também Sistematização, em razão de uma demanda dos Movimentos Sociais. Queriam conhecer, saber se as “teorias que eles diziam abraçar” estavam presentes nas suas práticas, se nessas práticas que eles desenvolviam essas teorias estavam contidas, se havia coerência entre a teoria e a prática deles. Foi então que chegamos à sistematização.

Primeiro, com a colaboração de Félix Cadena, um mexicano que integrava o CEAAL, depois com o pessoal da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, mas foi Oscar Jara que abriu perspectivas para que assumíssemos a Sistematização associada à Educação Popular em nossas práticas no SPEP. E quando dizemos nossas práticas falamos na Universidade – UNIJUÍ, nos Movimentos Sociais e em Instituições de Assessoria desses Movimentos. Oscar foi a Ijuí pelo CEAAL e pela Rede ALFORJA, em que ele trabalhava e coordenava na Costa Rica.

Havia uma brasileira, Mara Luz, que trabalhava no Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae – CEPIS, e depois atuou no CIMI¹⁴, junto a populações indígenas, que também colaborou conosco, na área da sistematização. E também Conceição Paludo, que atuava como educadora popular no Campo, no Centro de Assessoria Multiprofissional, antes de iniciar carreira acadêmica.

Cada projeto que a gente desenvolvia havia um local de experimentação, uma comunidade Rural, uma escola, um assentamento. No caso do SPEP, nós

¹³ Moema Libera Viezzer, escritora, socióloga e militante feminista brasileira. Ficou exilada no período do regime militar.

¹⁴ Conselho Indigenista Missionário.

prestamos assessoria ao Assentamento Nova Ramada, na cidade de Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul – RS. Minha tese de doutorado é sobre esse trabalho que desenvolvemos lá. Trabalhamos em torno de dez anos com este assentamento. Ali foram assentadas 100 famílias, eles criaram uma cooperativa e nós fazíamos a assessoria na área agrícola, contábil, educativa, das artes (minha filha Maria, que vocês conhecem, deu curso de teatro neste assentamento e o meu filho Tiago nos ajudou em entrevistas às famílias em um trabalho diagnóstico que fizemos lá. Essas vivências foram fundamentais na formação de ambos).

Elza, e aí damos um salto nessa história com você. Como você se percebe, se reconhece, atuando na Rede Internacional dos Cafés com Paulo Freire e no Café de Garopaba?

Então, antes de chegar aos Cafés, quero falar rapidamente sobre os projetos de sistematização que eu assumi, porque foram muito importantes na minha vida. Sempre trabalhei em equipe na educação popular e na sistematização. Trabalhamos com escolas, com instituições de apoio aos movimentos sociais como a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, do Paraná; a Fundação para o Desenvolvimento da Educação e da Pesquisa – FUNDEP, no RS e com os próprios Movimentos. Com o MST, trabalhamos a sistematização tanto no assentamento que assessorávamos, como em projetos de formação de professores do Movimento.

Depois, aconteceu um trabalho muito interessante nas 7 escolas de formação da CUT que resultou na produção de livros (Formação de Formadores para Educação Profissional e Formação de Conselheiros das Comissões de Trabalho e Emprego – 1998-99) e revistas.

A seguir, assumimos uma assessoria junto ao Ministério do Meio Ambiente – quando foi realizada a sistematização das 11 experiências de produção, organização e formação – na Mata Atlântica e Amazônia (A publicação desta “Série Sistematização” é muito linda e didática). Foi aí, como resultado da teorização dessas 11 experiências, que concluí que a “SISTEMATIZAÇÃO é uma arte de ampliar cabeças”.

Depois disso eu passei a trabalhar coma ENFOC¹⁵ e já temos vários livros publicados, acho já são 9 (nove) os livros publicados, de 2008 até hoje.

Na sistematização, eu passei a participar do Programa de Apoio a Sistematização – PLAS que é do CEAAL, que teve Oscar Jara como coordenador desde sua criação. Assim, me integrei ao Programa, tinha também João Francisco de Souza, outro brasileiro, que desenvolvia este trabalho com sistematização no CEAAL. O PLAS tem promovido cursos de formação, e com isso, tem dado um grande impulso à sistematização e a Educação Popular em nossa América e Caribe. Iara Duarte Lins nos representa hoje no Programa.

Agora, eu já estou em condições de dizer: estou encerrando este ano o trabalho com sistematização, porque em cada processo desenvolvido podemos identificar gente com autonomia para criar outros. Tem muita gente que passou por formação nesses processos, inclusive nos cursos do PLAS, como ocorreu com várias pessoas da ENFOC/CONTAG¹⁶. Já me sinto dispensada das minhas tarefas na sistematização, pois sempre trabalhei em equipe, e nessas equipes (com gente mais jovem do que eu) estão desenvolvendo trabalhos de grande relevância.

Qual o papel da Elza na Rede Internacional de Cafés com Paulo Freire no contexto do Brasil, tendo também a sistematização como potencial?

Mostrar que a minha trajetória de vida sempre foi vinculada ao *Trabalho de Base*". Eu fui professora mas, como professora, ora eu trabalhava em cursos da área da educação, ora em outros cursos, mas sempre tive uma cabeça sociológica. Em diversos cursos até naqueles em que eu dava aula de Estatística eu levava questões vinculadas à Sociologia. A "*minha*" Estatística era política, sociológica, apresentava desafios muito além dos números. Com isso, eu aglutinava muitos estudantes ao redor da minha proposta de trabalho. Tive companheiros incríveis na UNIJUÍ, professores com quem eu trabalhei, além dos "Belatos", o Walter Frantz e muitos outros e outras no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, nos Cursos de Pedagogia, Administração, Contábeis, Economia, Tecnologia Agronômica, cursos na área

¹⁵ Escola Nacional de Formação da CONTAG.

¹⁶ CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

da Saúde. Muita gente que realmente me provocava e eu provocava. Esta “*trajetória*” foi muito de nos colocarmos no limite e, assim, de termos que criar, até porque nós não aceitávamos a mesmice, nós não aceitávamos a burocracia, nós brigávamos com todo tipo de burocracia dentro da Universidade e sempre escapávamos de modo a fazer coisas novas, envolver alunos, envolver Movimentos Sociais, Movimentos Sindicais e de Associações de Moradores de Bairro.

Então isto, eu acho que me formou, essa coisa meio insurgente, que vem não só da minha formação em escola. Ela vem do meu pai, ela vem da minha avó, sobretudo da minha avó materna que dizia: “Deus é quase perfeito, só que não soube fazer a conta de dividir”. E o que é isso para uma neta? É justamente poder questionar até Deus. A nossa vida foi muito assim. Tem que fazer algumas coisas, tem que obedecer em alguns aspectos. Mas, no que é fundamental, a gente pode criar a nossa própria vida. Com isso, a “*Instituição*” nunca foi para nós uma necessidade para ser, a “*Instituição*” para nós era uma oportunidade de trabalhar, mas a gente era(*e é*) *independente da “Instituição”*. Na minha família as coisas aconteceram muito nesse sentido e o grupo que a gente reuniu na UNIJUI era muito isso. Então, a Instituição se moldava ao projeto político do grupo. Ela tinha que ir se abrindo no sentido de não impedir que esse projeto político se realizasse.

É esta a minha trajetória. Bem, aonde eu vou, eu sou assim, os meus filhos também são assim, o meu marido também é assim e, ao estar em um grupo, ao estar na Rede de Cafés e no Café com Paulo Freire de Garopaba, a gente acaba dando esse tipo de contribuição, até porque reunimos no Café de Garopaba pessoas de uma diversidade muito grande e, para nós, quanto mais plural, melhor para trabalhar, porque temos pontos de vista vindos de tudo que é lado, são diversos, e a gente vai criando as nossas possibilidades de ação. Criam-se as condições para o diálogo, radical, como o propôs Freire, e de ação compartilhada. Certo?

Nosso agradecimento à Elza

Finalizamos este momento de escuta, e de tamanha descoberta amorosa de quem é a Elza Fallkembach por ela mesma, num sentimento de muita gratidão

em poder ouvir, enxergar uma trajetória constituída na luta por um mundo melhor. Fazer esse registro da trajetória de Elza Maria Fonseca Falkembach, a “Zaia”, nos emocionou muito, foi um privilégio, uma boniteza no verdadeiro sentido freiriano.

Elza querida, nós agradecemos muito a oportunidade de escutar e conversar com você, o que você nos provocou com todas essas lembranças e suas memórias. Gratidão! MUITÍSSIMO obrigada por nos presentear com essa oportunidade de poder beber dessa fonte e imaginar esses contextos todos que você viveu com muita boniteza e amorosidade.